



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA

Dilnei Abreu Ramos

**USO DAS VARIANTES *NÓS* E A *GENTE*:
QUEM ESTÁ GANHANDO ESTA LUTA?**

Bagé

2017

Dilnei Abreu Ramos

**USO DAS VARIANTES *NÓS* E *A GENTE*:
QUEM ESTÁ GANHANDO ESTA LUTA?**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras-Português/ Espanhol e suas Respectivas Literaturas da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciado em Letras.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Taíse Simioni

**Bagé
2017**

Dilnei Abreu Ramos

**USO DAS VARIANTES *NÓS* E *A GENTE*:
QUEM ESTÁ GANHANDO ESTA LUTA?**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras-Português/Espanhol e suas Respectivas Literaturas da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciado em Letras.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Taíse Simioni

Trabalho de Conclusão de Curso.

Banca examinadora:

Prof^ª. Dr^ª Taíse Simioni
Orientadora
(UNIPAMPA)

Prof.^º Dr.^º Adriano de Souza
(UNIPAMPA)

Prof.^º Dr.^º Eduardo de Oliveira Dutra
(UNIPAMPA)

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais).

R111 Ramos, Dilnei Abreu

Uso das variantes *nós* e *a gente*: Quem está ganhando esta luta? / Dilnei Abreu Ramos.
43 p.

Trabalho e Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal do Pampa, LETRAS- HABILITAÇÃO PORTUGUÊS/ESPANHOL ERESPECTIVAS LITERATURAS, 2017.

"Orientação: Taíse Simioni".

1. Variação Linguística. 2. Uso de *nós* e *a gente*. I. Título.

Dedico este trabalho à minha mãe e minha irmã Juliana, duas importantes e grandes mulheres que fazem parte de tudo isto.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por ter me dado forças para chegar até aqui me ajudando a vencer todos os obstáculos.

À Unipampa pela oportunidade.

À minha família que sempre mostrou total apoio, em especial à minha mãe que sempre me manteve nos trilhos e orou por mim e, à sua maneira, sempre me incentivou a continuar.

À minha irmã Juliana, que desde que nasci esteve ao meu lado e também por ter me dado um presente especial, o meu sobrinho Murilo.

À minha orientadora Professora Dr^a Taíse Simioni, pela paciência, pelos incentivos, pela confiança, pelos ensinamentos e por todos os momentos compartilhados que certamente não esquecerei jamais. Terás minha eterna admiração.

Agradeço também aos professores do curso que me ensinaram além de conteúdos, o verdadeiro significado de ser professor, em especial à: Isaphi Alvarez, Fabiana Giovani, Miriam Kelm e Lucia Britto Correa.

Agradeço também a Karol por fazer parte da minha vida, por me apoiar nos momentos mais difíceis, por sempre estar comigo quando tudo parecia perdido, por dividir os piores e melhores momentos, por me encher de alegria apenas com a sua presença, por segurar a minha mão sempre que precisei, por nunca desistir de nossa amizade e por ser exatamente como é. E aproveito para deixar a minha gratidão eterna a toda a sua família, que sempre me tratou como membro da mesma, em especial a Vozinha, Ne, Ivo, Viviane, Dinda Márcia, Dinda Andreia, Vanessa, Marcio, Mauricio, Duda e Giovana.

Agradeço também às minhas amigas Taísa Klug e Thaís Paz, que foram grandes presentes da graduação e sempre mostraram seu total apoio e uma amizade para vida toda.

Agradeço também a todas as disciplinas de espanhol, que me fizeram conhecer a Melina, a Luciana, a Thaís Rejes e a Dianifer, pessoas que se tornaram mais que colegas de faculdade, transformaram-se em amigas para se levar dentro do coração.

À Josiane Laner, por sempre ter se mostrado uma mulher de garra que jamais desistiu do seu objetivo. Foi colega, foi amiga e foi exemplo para eu seguir em frente.

À amiga Mabel, que sempre me recebeu com um sorriso e um carinho inexplicável.

À amiga Léia, pela amizade de anos, e por compartilhar das dificuldades que nós, alunos vindo de assentamentos, enfrentamos durante toda a nossa caminhada, e mesmo assim vencemos.

À minha grande amiga Natália Lopes, que mesmo afastada da faculdade a amizade se fez a mesma.

Aos colegas de ônibus, que sempre ofereceram amizade, uma boa conversa, boas risadas e um bom chimarrão, em especial a: Danúbia Loreto, Leonardo Vernes, Viviane Poersch, Natália Dal Molin, Carmem Nunes e Carol.

Agradeço à minha amiga Nathália Alonso, que sempre me protegeu, mostrou carinho, amizade, compreensão e jamais deixou que eu me sentisse sozinho. Agradeço também a toda a sua família que sempre me recebeu de braços abertos em qualquer situação, em especial a Tia Rose, a Camila, a Vó e todas as outras Tias!

Agradeço também ao Bruno Munhoz que se fez companheiro nesses últimos meses de faculdade, que sempre esteve ao meu lado e compreendeu todos os meus momentos de crises, desespero e de total ausência.

Ao meu amigo e colega de trabalho Alex, que sempre esteve disposto a me ajudar e cobrir a minha falta na empresa quando precisei sair.

Aos meus amigos Cris e Diego, que, independentemente dos rumos que nossa vida tomar, os levarei sempre marcados em minha pele.

Aos amigos Cássio Coelho e Paula Junges, com quem tive a oportunidade de viver momentos incríveis, viagens sensacionais e festas inesquecíveis.

Aos meus amigos, Érico, Guto Sapper e Otávio por sempre me trazerem alegria.

Ao meu amigo Breno, que infelizmente não poderei abraçar depois de receber meu diploma. Mas tenho a certeza que, onde ele estiver, estará feliz por minha vitória.

A todas as pessoas que passaram por minha vida neste período, me trazendo ensinamentos positivos que sempre levarei comigo e também a todos que passaram por minha vida para que eu pudesse ter a certeza que não deveria ser como eles.

“Não permito que a gramática estragada. Me atinja sem um mero objetivo. Não aceito sua questão analisada. Nem com mil razões que justifiquem isso. Eu aqui é que não escreverei mais nada. Pois quem manda antes em um julgamento. É a forma de como o pronunciamento. Absolverá a vítima palavra”.

Isabela Moraes, 2017

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar os estudos que foram construídos dentro do campo da sociolinguística nos últimos dez anos (2006- 2016), mais precisamente sobre o uso das variantes *nós* e *a gente* como sujeito na primeira pessoa do plural no português do Brasil. Para realização deste trabalho elaboramos três perguntas norteadoras da pesquisa, que são: quais metodologias os pesquisadores estão utilizando em seus trabalhos; quais os resultados encontrados para a variável extralinguística idade; quais os argumentos que os autores utilizam para defender seus resultados. A obtenção das respostas para estas três perguntas se deu através de uma análise bibliográfica em sete dissertações que foram publicadas dentro do período de tempo preestabelecido e que possuíam os dados que posteriormente nos seriam úteis. Através das respostas que obtivemos, concluímos que, em grande parte, os pesquisadores utilizaram pesquisas em tempo aparente, que a variável idade se mostra relevante em todas as pesquisas em que é analisada e por fim que grande parte dos pesquisadores defendem seus resultados acreditando na hipótese clássica, segunda a qual um indivíduo adquire sua fala (língua) até a puberdade, não sofrendo grandes alterações no decorrer de sua vida. No entanto os resultados apontam para uma divergência de opiniões, no que diz respeito à afirmação de um processo de mudança.

Palavras-chave: Sociolinguística; Variação entre *nós* e *a gente*; Hipótese clássica.

RESUMEN

Este trabajo pretende analizar los estudios que se construyeron dentro del campo de la sociolingüística en los últimos diez años (2006-2016), más precisamente sobre el uso de las variantes *nosotros* y *a gente* como sujetos en la primera persona del plural en Portugués brasileño. Para realizar este trabajo hemos elaborado tres preguntas orientadoras, que son: qué metodologías están utilizando los investigadores en su trabajo; qué resultados se encuentran para la variable extralingüística edad; qué argumentos utilizan los autores para defender sus resultados. La obtención de las respuestas a estas tres preguntas se dio a través de un intenso análisis bibliográfico de siete disertaciones que se publicaron dentro del período de tiempo prescrito y que poseían los datos que posteriormente serían útiles. A través de las respuestas que hemos obtenido, concluimos que, en gran parte, los investigadores utilizaron la investigación en tiempo aparente, que la variable extralingüística edad es relevante en todas las investigaciones en las que se analiza y, en última instancia, que gran parte de los investigadores defienden sus resultados creyendo en la hipótesis clásica, segunda a la cual un individuo adquiere su discurso (lengua) hasta la pubertad, sin sufrir grandes cambios en el curso de su vida. Sin embargo, los resultados apuntan a una divergencia de opiniones, en lo que respecta a la afirmación de un proceso de cambio.

Palabras clave: Sociolingüística; Variantes; Hipótesis clásica.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Quadro de informações essenciais.	26.
---	-----

LISTA DE QUADROS

Quadro1 - Quadro de dissertações selecionadas.....	24
--	----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

PEPP - Programa de Estudos do Português Popular Falado em Salvador.

NURC-SSA - Projeto Norma Linguística Urbana Culta da cidade de Salvador.

NORPOFOR - Norma Oral do Português Popular de Fortaleza.

VARLINGUA - Banco de Dados de Guarapuava

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	15
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	16
2.1 Linguística.....	16
2.2 Sociolinguística.....	18
2.2.1 Mudança em tempo real X Mudança em tempo aparente.....	19
2.3 A variação entre <i>nós</i> e <i>a gente</i>	21
3 METOLOGIA.....	24
4 ANÁLISE DOS RESULTADOS.....	26
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	39
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	40

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho situa-se no campo da sociolinguística, que possui distintas áreas de interesse tais como: contato entre línguas, questões relativas ao surgimento e extinção linguística, variação e mudança. Tais interesses de estudos elucidam o fato de que um dos objetivos da sociolinguística é detectar a língua em uso nas comunidades de fala. Mollica (2008, p. 9) afirma que a sociolinguística direciona “a atenção para um tipo de investigação que correlaciona aspectos lingüísticos e sociais”.

Partindo deste amplo leque da Sociolinguística, este trabalho tem como objetivo principal realizar um levantamento bibliográfico dos diferentes estudos que foram realizados no campo da sociolinguística sobre a alternância das variantes *nós* e *a gente*, em posição de sujeito na primeira pessoa do plural no português brasileiro. Vejamos os exemplos:

- **Nós** vamos ao cinema hoje.
- **A gente** vai ao cinema hoje.

Buscamos também de que maneira a idade do falante pode influenciar na escolha de uma ou de outra. Averiguamos indícios se estamos passando por uma mudança em progresso ou não.

Para o desenvolvimento deste estudo recorreremos a vários estudos da área, para que pudéssemos identificar que métodos estão sendo utilizados para as coletas dessas informações e que respostas eles podem nos trazer sobre o uso das formas alternantes. Este trabalho mostra-se relevante na área acadêmica, pois traz informações importantes que poderão ser utilizadas como material de apoio para futuras pesquisas sobre este tema, porém ele não se distancia completamente da sociedade não acadêmica. Nele poderão ser encontradas informações sobre pronomes e suas variantes, algo que auxilia um professor de escola pública ou privada a trabalhar o uso de *a gente* ao invés de *nós* em uma conversa que não exija um grau elevado de formalidade, por exemplo, uma vez que o uso da variante inovadora *a gente* não é estigmatizado e está totalmente incorporado na fala dos brasileiros.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Encontraremos a seguir as fundamentações que embasam este trabalho. Serão vistas aqui questões importantes, conceituais e norteadoras do que é a Linguística e a Sociolinguística e também abordaremos importantes assuntos como quais estudos estão sendo realizados, se apontam ou não para uma mudança linguística das variantes *nós* e *a gente* e como fatores extralinguísticos como a idade podem influenciar ou não na escolha de uma variante ou outra na fala da comunidade brasileira de língua portuguesa.

2.1 Linguística

Se fôssemos conceituar a Linguística, poderíamos defini-la como ciência que direciona seus estudos para a linguagem, no entanto seria uma definição pouco elucidativa por sua simplicidade. Teremos então que primeiramente determinar e entender o real sentido científico de linguagem dentro da Linguística.

Para responder de forma mais ampla e clara qual é o real estudo da Linguística recorreremos a diferentes estudiosos da área. Sabemos que linguagem está presente em várias ciências. Borges Neto (2014, p.32) afirma o seguinte: “em outras palavras, a *linguagem*, tal como manipulada ou enfocada pela filosofia, pela magia, pela atividade estética (literatura, por exemplo) pelo jornalismo e pela linguística é invariante, auto-idêntica, independente do enfoque”. Na fala de Borges Neto podemos perceber que a linguagem está realmente presente em várias ciências, no entanto nenhuma destas ciências tem como objeto científico de estudo a linguagem em si, ficando restrito à Linguística este enfoque, como afirma o próprio Borges Neto (2004, p. 32):

Só a lingüística *proper* captaria (cientificamente) o objeto *linguagem* em sua totalidade e naquilo que tem de essencial. A lingüística constituiria assim o *núcleo* das ciências da linguagem, sendo as demais abordagens periféricas ou subsidiárias.

Vimos que cabe à Linguística este enfoque científico na linguagem, fato que também é elucidado por Cunha, Costa e Martelotta (2012, p.16). Eles nos mostram de qual linguagem estamos falando:

O termo “linguagem” apresenta mais de um sentido. Ele é mais comumente empregado para referir-se a qualquer processo de comunicação, como a linguagem dos animais, a linguagem corporal, a linguagem das artes, a linguagem da sinalização, a linguagem escrita, entre outras. Nessa acepção, as línguas naturais como o português ou o italiano, por exemplo, são formas de linguagem, já que constituem instrumentos que possibilitam o processo de comunicação entre os membros de uma comunidade. Entretanto, os lingüistas- cientistas que se dedicam à lingüística- costumam estabelecer uma relação diferente entre os conceitos de linguagem e língua. Entendendo linguagem como uma habilidade, os lingüistas definem o termo como capacidade que apenas os seres humanos possuem de se comunicar por meio de línguas.

Partindo das palavras de Cunha, Costa e Martelotta (2012), podemos afirmar que o foco científico da Linguística é o estudo da linguagem, que é um dos ingredientes fundamentais para a vida em sociedade, e é através do uso diário e cotidiano da linguagem que vivemos as mais simples situações, como assistir um telejornal, ler uma manchete, ouvir uma música e até mesmo cumprimentar um vizinho.

Ainda utilizando palavras dos estudiosos para definir a linguagem, Fiorin (2013, p. 13) diz o seguinte: “a linguagem é a capacidade específica da espécie humana de se comunicar por meio de signos”. Fiorin deixa claro em suas palavras que esta capacidade é única e exclusiva do ser humano, e posteriormente deixa muito claro que nascemos programados para falar. Independente de escolarização ou classe social, essa capacidade está presente em cada indivíduo. Vejamos o que diz Fiorin (2013):

[...] o homem não está programado para aprender física ou matemática, mas está programado para falar, para aprender línguas, quaisquer que elas sejam. Todos os seres humanos, independente de sua escolaridade ou de sua condição social, a menos que tenham graves problemas psíquicos ou neurológicos, falam. Uma criança, por volta dos três anos de idade, já domina esse dispositivo extremamente complexo que é uma língua. (FIORIN, 2013, p. 13)

Com base nessas informações, podemos ter uma noção básica e norteadora de como a linguística está presente em nossas vidas.

Desse modo, ela (linguagem) está relacionada à maneira como interagimos com nossos semelhantes, refletindo tendências de comportamento delimitadas socialmente.

É válido lembrar que, quando caracterizamos a Linguística como uma ciência, sabemos que ela tem um objeto de estudo próprio, que é a capacidade de linguagem que pode ser observada tanto oralmente ou em enunciados escritos, e quando entramos no campo da oralidade e escrita sabemos que existem inúmeras maneiras de se expressar algo usando distintas estruturas, que por final terão o mesmo sentido, o que poderíamos nomear como Variação Linguística ou simplesmente variação, tema esse que é amplamente discutido e estudado na Sociolinguística, que será a próxima área de conhecimento discutida neste trabalho.

2.2 Sociolinguística

Nossa jornada no campo da Linguística chega agora à Sociolinguística, que, de acordo com Cezario e Votre (2012, p.141), é “uma área que estuda o uso real da língua, levando em consideração as relações entre estrutura linguística e os aspectos sociais e culturais da produção linguística”. Podemos ainda nos apoderar das palavras de Alkmim (2008, p.31). Ela nos sintetiza “que o objeto da sociolinguística é o estudo da língua falada, observada, descrita e analisada em seu contexto social, isto é, em situações reais de uso”.

Um dos pioneiros na área da Sociolinguística foi William Labov, que, de acordo com Alkmim (2005, p. 30), “em 1963 publicou seu célebre trabalho sobre a comunidade da ilha de Martha’sVineyard, no litoral de Massachusetts, em que sublinha o papel decisivo dos fatores sociais na explicação da variação linguística, isto é, da diversidade linguística observada”. Surge em 1964 então a Teoria da Variação ou Sociolinguística Variacionista. Os estudos de Labov abordam de forma eficaz o real uso da língua pela comunidade, e o seu foco de estudo está na variação linguística que ocorre conforme o meio social no qual o indivíduo está inserido.

Partindo das ideias de Labov, para todo o sociolinguista existirão formas que coexistem e que concorrem; são as chamadas variantes linguísticas. Dentro de uma mesma língua podem existir diferentes variedades de acordo com a estratificação em que determinado grupo está inserido.

Alguns conceitos são essenciais para o entendimento da sociolinguística variacionista. São eles:

- Variantes: segundo Tarallo (2007 p.8), “são diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto e com o mesmo valor de verdade”. Ex.: *nós/ a gente*.

- Variável dependente: Tarallo (2007 p.8) sintetiza este conceito da seguinte maneira: “se refere a duas ou mais alternativas possíveis e equivalentes realizadas por meio de duas ou mais variantes”. Ex.: forma pronominal equivalente à primeira pessoa do plural (*nós e a gente*).

- Variável independente: são fatores que podem influenciar na escolha das variantes. De acordo com Mollica (2008, p. 28), “das variáveis externas ou não-linguísticas, registram-se os marcadores regionais predominantes em comunidades facilmente identificadas geograficamente, em simultaneidade a indicadores de estratificação estilístico-social, de forma que a variação projeta-se num contínuo em que se podem descrever tendências de uso sociolinguístico.”. Ex.: extralinguísticas: escolaridade, sexo, idade; linguísticas: no apagamento do “r” final, uma das variáveis é a classe gramatical da palavra.

A sociolinguística vem com o intuito de transformar o aparente caos da variação linguística numa estrutura organizada. Segundo Mollica (2008, p. 11), cabe à Sociolinguística “investigar o grau de estabilidade da variação, diagnosticando as variáveis e seus efeitos positivos ou negativos sobre a emergência dos usos linguísticos alternativos e prever seu comportamento regular e sistemático”.

Se nossa trajetória se baseia nas ideias acima apresentadas, poderemos ver que o aparente “caos linguístico”, termo este que foi usado por Tarallo (1985), desaparecerá totalmente.

2.2.1 Mudança em tempo aparente x Mudança em tempo real

Antes de um aprofundamento maior sobre os estudos e métodos utilizados por William Labov, podemos de forma genérica falar sobre mudança linguística, que como o próprio nome já sugere são mudanças ou alterações de uma língua ao longo do tempo, e todos nós sabemos que a língua é viva e que, conseqüentemente, ela muda através da passagem dos anos. Essas mudanças e alterações a que a língua é exposta foi foco principal de William Labov.

William Labov fez incontáveis estudos sobre variação linguística, utilizando de meios e técnicas criadas por ele e outros estudiosos da área, métodos esses que são

denominados como mudança em tempo aparente e mudança em tempo real. Para que os estudos em tempo aparente fossem realizados, partiu-se da “hipótese dos neogramáticos”, que, de acordo com Naro (2008 p.44), sugere que “o estado atual da língua de um falante adulto reflete o estado da língua adquirida quando o falante tinha aproximadamente 15 anos de idade”.

Com base nisso, podemos novamente citar Naro (2008, p. 45). Ele faz uma análise da hipótese clássica e já caracteriza o que é um estudo em tempo aparente:

Assim sendo, a fala de uma pessoa de 60 anos hoje representa a língua de quarenta e cinco anos atrás, enquanto outra pessoa com 40 anos hoje nos revela a língua de há apenas vinte e cinco anos. A escala em tempo aparente, obtida através do estudo de falantes de idades diferentes, é chamada “gradação etária”. Ela corresponde, sempre sob a hipótese clássica, a uma escala de mudança em tempo real.

Mudança em tempo aparente, então, parte do pressuposto dos neogramáticos, através da hipótese clássica que diz que um indivíduo adquire sua língua (fala) até o fim da puberdade, por volta dos 15 anos de idade (NARO, 2008). Sendo assim, sua fala não sofrerá grandes alterações durante sua trajetória, apenas adaptações para determinadas situações da vida cotidiana.

Partindo das ideias de Paiva e Duarte (2008), mudança em tempo real é uma análise mais concreta da língua. Esse estudo se dá através de comparações tanto de fala como de escrita separadas por um intervalo de tempo. Quando esse intervalo passa dos cinquenta anos, o estudo em tempo real pode ser denominado de estudo em tempo real de longa duração; quando esse estudo é feito em um menor período, como dezoito anos, por exemplo, é chamado de mudança em tempo real de curta duração. No entanto, estudo em tempo real não está livre de problemas, pois, como se dá através de grandes períodos de tempo, muitas vezes, podemos nos deparar com ausência de falantes da época inicial da pesquisa, e, se optarmos por análises escritas, poderemos encontrar problemas relacionados a adaptações, acréscimos julgados como necessários ou até mesmo problemas de tradução.

A pesquisa em tempo real pode ser feita de duas formas: estudo tendência e estudo painel. As definições desses estudos podem ser encontradas através da fala de Paiva e Duarte (2008, p.186):

Uma técnica mais controlada de acompanhar a direcionalidade dos fenômenos variáveis em uma dada comunidade de fala e nos falantes individualmente é através da comparação entre amostras distintas dessa mesma comunidade (estudo “tendência”) e dos mesmos indivíduos em dois pontos separados por um lapso de tempo (estudo “painel”). A vantagem dos dois tipos de estudo é permitir o confronto de duas sincronias do mesmo foco geográfico.

Com base nas palavras de Paiva e Duarte, podemos sintetizar esses estudos da seguinte maneira: o estudo “tendência” analisa fenômenos variáveis na comunidade através de comparações de amostras distintas; o estudo “painel”, por sua vez, analisa fenômenos variáveis nos mesmos indivíduos em diferentes períodos de tempo.

Mesmo com todos esses estudos, Paiva e Duarte (2008, p. 189) afirmam o seguinte: “ainda que os dois modelos autorizem afirmações mais seguras sobre o curso dos processos variáveis em uma língua, nenhum deles é completamente satisfatório em si”.

Como a língua é um sistema heterogêneo e sofre muitas mudanças e interferências, dificilmente poderemos afirmar com certeza o que está realmente acontecendo. Os sociolinguistas sugerem que todos esses estudos sejam conciliados para que haja uma resposta mais próxima da real situação do fenômeno que está sendo estudado.

Como podemos observar, existem estudos e técnicas para se estudar as mudanças na língua, técnicas estas que exigem dedicação e trabalho exaustivo na coleta de dados.

Conceituando estes estudos podemos dizer que o estudo em tempo aparente parte da hipótese que os indivíduos adquirem sua língua até a puberdade e não sofrerão grandes alterações no decorrer dos anos. Por outro lado o estudo em tempo real revela mudanças na língua através da passagem dos anos, mostrando que a língua sofre alterações e mudanças com a passagem do tempo. Para que se chegue a resultados mais precisos, se usam técnicas como o estudo em tempo aparente, que visa às alterações na fala da comunidade em geral, o estudo do tipo tendência, que estuda uma comunidade de fala, e o estudo painel, que tem como foco as mudanças em indivíduos com algum intervalo de tempo.

2.3 A variação entre *nós* e *a gente*

De acordo com Lopes (2009, p.105), as gramáticas normativas e os manuais didáticos raramente explicam fenômenos já consagrados na linguagem coloquial e não apresentam uma posição coerente e única quando se referem à forma *a gente*. A classificação é em geral controversa, pois ora consideram *a gente* fórmula de representação da 1ª pessoa, forma de tratamento, pronome indefinido ou, ainda, recurso para indeterminar o sujeito. No entanto, mais adiante veremos que, de acordo com a sociolinguística, as duas variantes podem ser denominadas como pronomes, uma vez que *nós* será a forma conservadora da língua e *a gente* assume o papel de forma inovadora na língua.

A propósito disso, podemos aqui já sanar dúvidas sobre forma conservadora e forma inovadora. Para isto veremos o que nos diz Tarallo (2007, p. 11; 12):

As variantes de uma comunidade de fala encontram-se sempre em relação de concorrência: padrão vs. não-padrão; conservadoras vs. inovadoras; de prestígio vs. estigmatizadas. Em geral, a variante considerada padrão é, ao mesmo tempo, conservadora e aquela que goza de prestígio sociolinguístico na comunidade. As variantes inovadoras, por outro lado, são quase sempre não-padrão e estigmatizadas pelos membros da comunidade. Por exemplo, no caso da marcação de plural no português do Brasil, a variante [s] é padrão, conservadora e de prestígio; a variante [Ø], por outro lado, é inovadora, estigmatizada e não-padrão.

Apresentaremos adiante uma análise bibliográfica sobre estudos que estão sendo realizados sobre estas duas variantes, porém já podemos apontar dados iniciais sobre como essas variantes estão duelando no campo de batalha que é a fala da comunidade de língua portuguesa no Brasil. Isto pode ser evidenciado na análise de Lopes (2009, p.104) onde encontramos o seguinte: “com relação à substituição de *nós* por *a gente*, permanece a convivência das duas estratégias de referência à primeira pessoa do plural no português falado do Brasil, embora a forma inovadora venha ganhando espaço nas últimas décadas”.

Como disse Lopes (2009), a forma inovadora vem ganhando espaço no uso real da língua, porém isso não significa que a variante *nós* esteja perdendo sua batalha. De acordo com Omena (2003 p.79), “levando em conta os resultados obtidos, quando se compara o desempenho dos falantes, em grupo, nos diferentes momentos, podemos

concluir que a variação *nós* / *a gente* apresenta a mesma proporção de ocorrência através de tempo, a forma inovadora continua a predominar e a direção da mudança é a mesma”.

Existem fatores extralinguísticos que induzem a escolha de uma variante ou outra. No nosso caso, vamos buscar informações de como o fator extralinguístico idade induz ou não o falante do português brasileiro a usar a variante inovadora *a gente* ou a variante conservadora *nós*. Omena (2003 p. 65) diz que “como um fenômeno de variação ou mudança, todo esse processo relaciona-se à sucessão de gerações. A pesquisa tem demonstrado que a idade do falante influi na predominância ou não da nova forma”. De acordo com Naro (2008, p. 44), “os jovens estão evitando a forma *nós* e usando mais *a gente*”, validando a hipótese clássica. Um estudo sobre o uso de *nós* e *a gente* trazido por Omena (2003 p.66) mostra, por outro lado, que com a passagem do tempo os falantes vão adquirindo a forma mais antiga e mais prestigiada na escrita padrão ou usando-a mais frequentemente, contrariando, portanto, a hipótese clássica:

Essa mudança na frequência de uso das gerações sucessivas constitui índice de estabilidade da variação, pois os falantes da faixa etária de 26-49 do ano 2000 são representantes da geração que, na década de 1980, pertencia às duas primeiras faixas etárias. Ao mudar de idade, eles adaptam o seu desempenho ao grupo etário a que passam a pertencer. Este comportamento difere do esperado numa mudança em progresso, quando o previsível é que as diferentes gerações conservem sempre sua taxa de uso inicial com o aumento crescente da forma inovadora (OMENA, 2003, p. 66-67).

Podemos concluir, então, que existe uma tensão entre uniformidade vs variedade que se mantém na língua graças a fatores externos ao sistema. Um desses, de acordo com Omena (2003, p.67), seria a escola, que “pode ser um dos fatores que atuam na manutenção do estado da língua, graças à sua atitude normativista, aos estudos gramaticais e ao contato intensivo com a escrita, forças conservadoras”.

3 METODOLOGIA

Para chegarmos às nossas conclusões e objetivos finais, buscamos teses e dissertações já realizadas sobre o uso das variantes *nós* e *a gente* em posição de sujeito na primeira pessoa do plural no português brasileiro nos últimos dez anos, desde o ano de 2006 até 2016, uma vez que teses e dissertações do ano de 2017 não estavam disponíveis no Banco de Teses e Dissertações da Capes quando a busca foi realizada.

Posteriormente analisamos cada resumo das dissertações com a finalidade de encontrar algumas informações preliminares para o nosso trabalho, como: métodos utilizados para pesquisa, variáveis extralinguísticas, número de informantes e instituição de ensino. Ao fim de nossa busca encontramos sete¹ dissertações sobre este tema.

Os sete trabalhos selecionados para a pesquisa estão disponíveis no Banco de Teses e Dissertações da CAPES, que pode ser acessado por qualquer pessoa através do endereço eletrônico <<http://bancodeteses.capes.gov.br/banco-teses/#/'>>. Os títulos foram selecionados através da leitura de seus resumos, como já mencionamos.

No quadro a seguir, podemos encontrar as sete dissertações, os autores, os títulos, as instituições de ensino e o ano da publicação.

AUTOR	TÍTULO TESE/DISSERTAÇÃO Nº	INSTITUIÇÃO	ANO
ABDON MENDES BORGES SANTANA	NÓS E A GENTE UM RETRATO DO PORTUGUÊS POPULAR DE SALVADOR 01	UNEB	2014
CAMILA CANDEIAS FOEGER	A PRIMEIRA PESSOA DO PLURAL NO PORTUGUÊS FALADO EM SANTA LEOPOLDINA/ES 02	UFES	2014
CARINA SAMPAIO NASCIMENTO	NÓS E A GENTE EM SALVADOR: UM CONFRONTO ENTRE DUAS DÉCADAS 03	UFBA	2013
CLEUZA ANDREA GARCIA MUNIZ	NÓS E A GENTE: TRAÇOS SOCIOLINGUÍSTICOS NO ASSENTAMENTO 04	UFMS	2008
MARDEN ALYSON MATOS DE ARAÚJO	SERÁ QUE A GENTE USA MAIS O NÓS? UMA FOTOGRAFIA SOCIOLINGUÍSTICA DO FALAR POPULAR DE	UECE	2016

¹ Doravante cada dissertação será mencionada pelo número que acompanha cada título dentro da tabela.

	FORTALEZA 05		
MARINETE RODRIGUES DA SILVA	OS PRONOMES NÓS E A GENTE NO PORTUGUÊS FALADO EM RIO BRANCO ACRE 06	UFAC	2013
VANESSA APARECIDA DEON	VARIAÇÃO PRONOMINAL NÓS/A GENTE EM GUARAPUAVA – PR 07	UNICENTRO-PR	2015

Quadro 01- Dissertações selecionadas.

Através da busca e análise das dissertações retiradas do site da CAPES, buscamos responder as três perguntas² que seguem abaixo, perguntas estas que norteiam o desenvolvimento deste trabalho:

- A- Quais metodologias os pesquisadores estão utilizando em seus trabalhos?
- B- Quais os resultados encontrados para a variável extralinguística idade?
- C- Quais os argumentos que os autores utilizam para defender seus resultados?

Após encontrarmos nossas sete dissertações, vamos à análise de cada uma, buscando encontrar respostas para nossas perguntas A, B e C.

² Doravante A, B e C.

4 ANÁLISE DOS RESULTADOS

As respostas para nossas três perguntas foram obtidas através das sete dissertações sobre o uso de *nós* e *a gente* na posição de sujeito, publicadas nos últimos dez anos, como já foi mencionado anteriormente.

Para iniciar nossas análises, construímos um quadro com informações das sete dissertações que encontramos. Este quadro se faz útil por reunir os dados essenciais que serão necessários quando se iniciar a análise individual de cada dissertação, facilitando, por exemplo, saber a quantidade de informantes presentes em determinada dissertação e/ou a idade dos mesmos.

Vejamos o quadro:

Dissertações	Quantidade de informantes	Variáveis linguísticas	Variáveis extralinguísticas	Faixas etárias consideradas	Período de coleta	Obtenção dos dados
01	12 inquéritos	Paralelismo discursivo, indeterminação do sujeito, saliência fônica.	Gênero, idade e escolaridade.	15 a 24 anos; 25 a 35 anos; 65 em diante.	1998-2000	PEPP
02	32 entrevistas	A explicitude do sujeito, o paralelismo, a referencialidade, etc.	Gênero, idade e escolaridade.	07 a 14 anos; 15 a 25 anos; 26 a 49 anos; 50 anos em diante	2011-2013	Dados coletados pela autora.
03	24 inquéritos	Preenchimento do sujeito, nível de referencialidade, etc.	Gênero, faixa etária e década da gravação do inquérito.	25 a 35 anos; 56 anos em diante.	Anos 70 x Anos 90	NURC-SSA
04	16 entrevistas	Preenchimento/não preenchimento do sujeito, etc.	Gênero, idade e escolaridade.	16 a 30 anos; 50 a 70 anos.	Não explicitado.	Dados coletados pela autora.
05	53 informantes	Função sintática, referência nós/a gente, marca morfêmica, tempo verbal, tipo de verbo, etc.	Gênero, faixa etária e a escolaridade.	15 a 25 anos; 26 a 49 anos; 50 anos em diante	2003-2006	NORPOFOR
06	40 informantes	Função sintática do sujeito, especificidade do sujeito, tipo de menção, etc..	Gênero, faixa etária e a escolaridade.	10 a 12 anos; 15 a 21 anos; 32 a 51 anos; 60 anos em diante.	2011-2012	Dados coletados pela autora.
07	24 informantes	Determinação do referente, tipo de texto, tempo verbal, concordância verbal e	Gênero, faixa etária e a escolaridade.	25 a 45 anos; 50 anos em diante.	2014-2015	VARLINGUA.

Figura 1- Quadro de informações essenciais.

Iniciamos agora a análise individual de cada dissertação presente no quadro acima, com a finalidade de encontrar todas as informações necessárias para que, ao final, possamos reunir todas estas informações e analisá-las, com o propósito de responder a cada uma das nossas perguntas.

Abdon Mendes Borges Santana faz uma pesquisa em tempo aparente, com 12 inquéritos retirados de programa PEPP, que, de acordo com o autor, foi construído entre os anos de 1998 a 2000, na cidade de Salvador - BA. Encontramos o seguinte resultado:

a faixa etária se mostra muito relevante na escolha de cada variante. As faixas etárias analisadas pelo autor foram 15 a 24 anos, 25 a 35 anos, 65 anos em diante.

Os resultados obtidos por ele foram os seguintes: entre os mais jovens a variante inovadora *a gente* apontou crescimento, enquanto a variante conservadora *nós* prevalece na faixa etária mais velha, e na faixa etária intermediária o uso de *nós* vem sofrendo decréscimos, o que faz com que o autor afirme que a variante *a gente* vem sendo amplamente utilizada pelos informantes de sua pesquisa, no entanto ele não afirma que estamos passando por algum processo de mudança em curso e faz o seguinte questionamento:

Resta saber se trata de uma concorrência de variantes ou mudança em progresso e se a variedade popular adotará a forma inovadora *a gente*, em que a fotografia que hoje tiramos do uso variável de *nós* e *agente*, na função de sujeito, no português popular falado de Salvador fará parte do quadro linguístico do PB na moldura do tempo (SANTANA, 2014, p. 85).

Na pesquisa de Abdon Mendes Borges Santana, podemos encontrar dados também obtidos nas outras pesquisas abaixo analisadas, no entanto o autor, diferentemente dos outros autores, como será possível verificar adiante, não afirma que estamos passando por uma mudança, apenas nos informa que existe um processo de concorrência entre as duas variantes analisadas.

Este fato nos leva a acreditar que este autor não está convicto que a hipótese clássica seja realmente verdadeira, afinal de contas se o autor acreditasse nesta hipótese poderia muito bem afirmar isto através de seus dados, que mostram que os informantes mais jovens utilizam com mais frequência a forma inovadora *a gente*, o que de acordo com a hipótese clássica seria indício de mudança, e como pode ser observado na citação não é isto que o autor afirma.

Camila Candeias Foeger faz também uma pesquisa em tempo aparente entre os anos de 2011 e 2013, com dados que ela mesma coletou em uma comunidade rural do município de Santa Leopoldina-ES, considerando também a faixa etária como uma variável extralinguística relevante. Foram 32 entrevistas, e a autora analisou as seguintes faixas etárias: 07 a 14 anos, 15 a 25 anos, 26 a 49 anos e 50 anos em diante, sendo que neste caso as duas faixas etárias mais jovens desfavoreceram o uso da variante *a gente*, enquanto a faixa etária dos 26 aos 49 anos favoreceu o uso da variante

inovadora *a gente*, e já com a última faixa etária analisada não houve um favorecimento e nem desfavorecimento do uso da variante inovadora *a gente*.

Como poderemos perceber, os resultados obtidos pela autora são distintos de todos os outros aqui encontrados, já que suas análises mostram as duas faixas etárias mais jovens utilizando muito pouco a forma inovadora *a gente*, contrariando até seus pressupostos iniciais. A própria autora acreditava que encontraria resultados semelhantes aos encontrados pelo Brasil, em que os mais jovens favorecem o uso da variante inovadora *a gente* enquanto os mais velhos preferem a variante padrão *nós*. Outro aspecto que chama atenção neste trabalho é a maneira como a autora busca responder ou justificar o achado de sua pesquisa. Ela poderia citar a pesquisa de Omena (1978) que nos revela que o uso mais frequente da variante padrão *nós* entre as faixas etárias mais jovens, neste caso dos 07 aos 14 anos, dá-se em razão de que no quarto ano do ensino fundamental inicia-se o estudo das classes pronominais prescritas na gramática tradicional e finalizar a sua pesquisa acreditando nas palavras de Omena (1978), porém não é isto que encontramos.

Camila Candeias Foeger busca entender e justificar os dados obtidos em sua pesquisa através de duas possibilidades. A primeira seria compreender o caso da gradação etária, o que a autora relaciona com a ocupação do indivíduo no mercado de trabalho, o que ela chama de “*linguistic marketplace*” e sua segunda possibilidade de interpretar o uso da variante padrão *nós* entre os mais jovens seria como um caso de afirmação de identidade linguística e social. A autora utiliza como exemplo o estudo feito por Labov (2008, p. 19) na comunidade de Matha’s Vineyard.

Através da primeira possibilidade, a autora traz informações sobre a gradação etária. Ela sintetiza como “pessoas de diferentes idades usam a língua de modo distinto simplesmente porque estão em estágios diferentes de suas vidas” (FOEGER, 2014, p. 107), afirmando assim que o indivíduo pode mudar e a comunidade permanecer estável. Cita posteriormente a noção de *linguistic marketplace* que relaciona o modo de falar com a função ocupacional ou a atividade que o indivíduo ocupa na sociedade. De acordo com a autora, há picos do uso da variante padrão quando as pessoas atingem a faixa dos vinte e poucos anos, e conforme vai atingindo a meia-idade existe um declínio na frequência de uso desta variante.

Para aproximar o *linguistic marketplace* da realidade de sua pesquisa, Camila Candeias Foeger associa o uso da variante inovadora *a gente* ao urbano, e a variante conservadora *nós* ao rural, uma vez que, de acordo com a autora, a comunidade rural

possui um caráter mais conservador. Com essa associação a autora consegue defender seus dados da seguinte maneira: quando o falante atinge a faixa etária de inserção ao mercado de trabalho, amplia suas relações sociais com pessoas externas à comunidade rural. A autora acredita que os indivíduos que se encaixam a este exemplo seriam os indivíduos de 26 a 49 anos presentes em sua pesquisa, uma vez que os mesmos saem mais desta comunidade rural, tendo que ir a bancos, fazer compras e também negócios na Ceasa, que é uma central de abastecimento que, de acordo com a autora, está localizado em Cariacica, um município que faz parte da região metropolitana de Vitória- ES.

A segunda possibilidade levantada pela autora é a identidade linguística, uma vez que, na comunidade rural de Santa Leopoldina, o processo de mudança linguística caminhava em direção à forma inovadora *a gente* nas faixas etárias mais velhas, na faixa etária dos 15 aos 25 anos existe uma reversão, enquanto na faixa etária mais jovem, dos 07 aos 14 anos, esta reversão é ainda maior, fato este que faz com que a autora levante o seguinte questionamento: “Por que os leopoldinenses estariam afirmando o pronome *nós* como marca identitária?” E para chegar a uma resposta ao seu próprio questionamento a autora recorre à história do município de Santa Leopoldina- ES.

Ela nos revela que no passado o município foi economicamente mais importante que Vitória, a capital do estado, entretanto hoje Santa Leopoldina vive uma estagnação e é considerado o município mais rural do Espírito Santo, e já Vitória, a capital, de acordo com a autora, é uma das melhores cidades brasileiras. Talvez deste fato histórico se origine mesmo que inconscientemente uma oposição a Vitória, que, por se tratar de uma capital muito urbana, usaria a variante inovadora *a gente* enquanto os moradores da zona rural de Santa Leopoldina optariam pela variante padrão *nós*, fato que também explicaria o uso mais frequente da forma inovadora *a gente* na faixa etária dos 26 aos 49 anos, uma vez que estes indivíduos frequentariam mais a capital.

Através da explicação que a autora nos traz sobre a gradação etária, podemos perceber que ela contraria a hipótese clássica, que não se pode afirmar mudança baseando-se na faixa etária e que, para obter resultados mais precisos, outros estudos devem ser feitos na comunidade, segundo a autora.

Carina Sampaio Nascimento traz em sua dissertação um estudo em tempo real do tipo tendência, utilizando dados da década de 70 com os dados da década de 90, estudo este que foi realizado com dados do projeto NURC de Salvador de onde retirou 24

entrevistas, sendo elas 12 da década de 70 e 12 da década de 90. Distribuídas em três faixas etárias: faixa 1 de 25 a 35 anos, faixa 2 de 36 a 55 anos e faixa 3 de 56 anos em diante.

Em sua análise ela nos diz que a variável idade se mostra muito relevante na escolha das variantes. De acordo com Carina Sampaio, os informantes mais velhos ou faixa 3 da década de 70 utilizavam mais a variante conservadora *nós* enquanto os mais jovens ou faixa 1 estavam utilizando mais a variante inovadora *a gente*. Do mesmo modo ocorreu com as amostras da década de 90, dados estes que levaram a autora a escrever o seguinte:

Ao amalgamar a década da gravação do inquérito com a faixa etária do informante, vê-se que, na década de 70, o uso de *nós* é maior entre os informantes da faixa 3, com um peso relativo de 0,76, correspondendo a 64% deste total. No que se refere à década de 90, onde existe maior ocorrência de *a gente*, os informantes da faixa 3 também apresentaram maiores índices de ocorrências de *nós*. Inferindo-se que esses dados apontam para a mudança em curso no sentido da implementação da variável *a gente* na fala culta de Salvador (NASCIMENTO, 2013, p.74).

Como pode ser visto, a autora defende, mesmo que de uma maneira pouco afirmativa, a hipótese clássica e ainda nos diz que os dados apontam para uma mudança em curso. Se olharmos os dados que a própria autora traz, podemos perceber que existe uma contradição em suas palavras. De acordo com suas análises, os mais velhos da década de 70 utilizavam mais a variante *nós* e os mais jovens a variante *a gente*, e posteriormente ocorre o mesmo na década de 90, porém podemos pensar que os mais jovens na década de 70 seriam os mais velhos na década de 90, contrariando assim a sua teoria de mudança em curso, e também a hipótese clássica, afinal de contas o indivíduo que utiliza mais a forma inovadora *a gente* quando jovem, época da vida onde, de acordo com a hipótese clássica, adquire a fala, este mesmo indivíduo deveria continuar este uso quando se tornasse mais velho, mas a pesquisa mostra exatamente o contrário. Utilizando desta linha de raciocínio, podemos perceber que seus dados contrariam a hipótese clássica, uma vez que o indivíduo se adapta a cada fase da vida por exigências do meio onde está inserido, o que faz com que seus dados da pesquisa apontem uma variação estável e não um processo de mudança na língua.

Cleuza Andrea Garcia Muniz, em sua dissertação, nos traz um estudo em tempo aparente, realizado com dados coletados pela própria autora, na comunidade de assentados localizada na zona rural de Ponta Porã, município ao sul do Mato Grosso do Sul. A data de sua coleta de dados não está explicitada em sua dissertação. A autora considerou 16 entrevistas para realização de sua análise, considerando as faixas etárias de 16 a 30 anos e de 50 a 70 anos. Assim como a maioria dos estudos sobre variação entre *nós* e *a gente*, a variável extralinguística idade se mostrou muito relevante na escolha das variantes, mostrando que os mais jovens estão utilizando mais a variante inovadora *a gente* e os mais velhos dando preferência para a variante conservadora *nós*, o que poderia apontar para um processo de mudança no quadro dos pronomes. Vejamos o trecho a seguir que nos revela indícios que a autora acredita na hipótese clássica:

Dessa forma, acreditamos que este trabalho mostrou, juntamente com outros já realizados, que o quadro dos pronomes pessoais do PB está sofrendo modificações com a inserção da forma *a gente*, muito embora, as GTs insistam em ignorar esse processo de transformação. Mostramos que a variação entre *nós* e *a gente* ocorre de forma sistemática e não aleatória, pois ao descrever este fenômeno levamos em conta também fatos extralinguísticos que estariam condicionando o uso de uma ou outra variante (MUNIZ, 2008, p.118).

A autora afirma que o quadro de pronomes está sofrendo transformações baseando-se nos resultados de sua pesquisa e também em outras já realizadas no Brasil, deixando indícios de sua aceitação da hipótese clássica, pelo fato dos mais jovens estarem usando com maior frequência a variante inovadora *a gente* uma vez que, de acordo com a hipótese clássica, o indivíduo adquire sua fala (língua) até por volta dos 15 anos de idade, o que nos levaria a crer que esses indivíduos continuariam usando mais a variante inovadora *a gente* no decorrer de sua vida, sendo assim o processo de mudança estaria se instalando na fala destes indivíduos e a hipótese clássica se confirmando.

Porém, a autora não consegue afirmar com exatidão se realmente estamos passando por um processo de mudança, uma vez que a pesquisa realizada nos revela dados em porcentagem muito próximos sobre o uso destas variantes entre os mais jovens. A frequência de uso do pronome *nós* é 49% pela faixa etária mais nova e não difere muito daquele encontrado para a forma *a gente*: 51%. Estes dados mostram uma proximidade muito grande sobre o uso das variantes. Realmente não se pode afirmar um processo de

mudança em uma pesquisa que mostra uma variação de apenas 2%, o que faz a hipótese clássica um pressuposto, de certa forma duvidoso.

Marden Alyson Matos de Araújo em sua dissertação usou 53 entrevistas oriundas do NORPOFOR (Norma Oral do Português Popular de Fortaleza). Este trabalho foi realizado em tempo aparente, pelo fato de que as entrevistas foram retiradas de um banco de dados muito recente, criado entre 2003 e 2006. A faixa etária novamente foi considerada como variável extralinguística. Seus informantes foram divididos em três faixas etárias: 15 a 25 anos, 26 a 49 anos e 50 anos em diante. Seu trabalho parte do pressuposto que a faixa etária mais jovem que foi analisada favoreceria o uso da variante inovadora *a gente*, enquanto as faixas etárias mais velhas favoreceriam o uso da variante conservadora *nós*, pressuposto este que de acordo com sua pesquisa foi confirmado. Suas análises mostram que a faixa etária de 15 a 25 anos tem peso relativo para o uso da variante *a gente* de 0,681, mostrando que a faixa etária mais jovem é favorável à variante inovadora, enquanto as outras faixas etárias mostram peso relativo de 0,357 e 0,492, respectivamente. Após suas análises, o autor conclui o seguinte quanto à faixa etária:

Em todas as rodadas em que foi selecionado pelo programa estatístico, o pronome inovador *a gente* se mostrou favorecido pelos mais jovens e desfavorecido pelos mais velhos. Com isso, nossa hipótese de que o fenômeno apresenta indícios de que se encontra em um processo de mudança em curso se confirmou (ARAÚJO, 2016, 137).

Como podemos observar, o autor através de sua pesquisa afirma que estamos passando por um processo de mudança na língua já que os falantes mais jovens estão favorecendo o uso da variante inovadora *a gente*, enquanto os mais velhos utilizam com maior frequência a variante conservadora *nós*, deixando bem claro que, de acordo com seus dados, a hipótese clássica estaria se confirmando.

Marinete Rodrigues da Silva, em sua dissertação, faz uma pesquisa em tempo aparente entre os anos de 2011 e 2012, que conta com 40 informantes naturais de Rio Branco - Acre de distintas faixas etárias, divididas em 10 a 12 anos, 15 a 21 anos, 32 a 51 anos, 60 anos em diante. A autora mostrou que tanto os informantes mais velhos, de 60 anos em diante, como os informantes da faixa etária mais nova, 10 a 12, mostram um favorecimento para a variante padrão *nós*, indo de encontro a outras dissertações que

foram analisadas, o que nos leva a interpretar que existe em sua pesquisa uma variação estável, no entanto a autora afirma que estamos passando por um processo de mudança, como poderá ser observado no fragmento abaixo:

Estudando o gráfico 2 vemos que existe uma frequência maior da forma *a gente* entre os informantes mais jovens, mas ao compararmos as duas faixas etária mais jovens (10 aos 12 anos e 15 aos 21anos), encontramos uma diminuição de uso da forma pronominal *a gente*, interferindo no processo de mudança em curso. Com isso, notamos que, independentemente da faixa etária, os informantes usam mais a forma *a gente* do que a forma *nós*. No entanto, esse resultado não favorece a existência de uma mudança. Assim, podemos falar que há uma possível tendência para o processo de mudança. (SILVA, 2013. p. 56).

No fragmento acima, quando a autora se refere à faixa etária mais jovem, ela pretende falar da faixa etária dos 15 aos 21 anos, que apresenta uma maior frequência no uso da variante inovadora *a gente* de acordo com a sua análise. Acredito que essa faixa etária deveria estar denominada de outra maneira, diminuindo as confusões na hora da interpretação.

Posteriormente, quando a autora menciona novamente a faixa etária mais jovem ela faz referência a outra faixa etária mais jovem, que seria de 10 a 12 anos, dizendo que o uso da variante inovadora *a gente* sofre diminuição, o que, de acordo com ela, quando se compara estes dois resultados, revela uma interferência no processo de mudança, no entanto mais além em seu texto a autora explica o motivo dos informantes de 10 a 12 anos utilizarem mais a variante padrão *nós* mencionando trabalhos de Omena, como detalharemos, mesmo assim seu texto final apresenta contradições e isto dificulta um pouco a interpretação de suas palavras.

Podemos perceber que ela chega à conclusão que os mais jovens de 15 a 21 anos preferem a variante inovadora *a gente*, ao passo que os mais novos de 10 a 12 anos e de 60 anos em diante preferem o uso da variante padrão *nós*, fazendo com que a autora diga que tanto os mais jovens quanto os mais velhos utilizam com mais frequência a variante padrão *nós*.

Toda esta confusão em seus dados nos leva a pensar que existam alguns erros de revisão em seu trabalho de pesquisa, uma vez que está clara a sua contradição ao final da citação acima.

Outra possível explicação mais lógica e mencionada pela própria autora é que a variante padrão *nós* vem sendo utilizada com mais frequência entre a faixa etária mais jovem pela proximidade destes indivíduos com o conteúdo escolar dos pronomes, o que é atribuído no texto a Omena (1978) que nos diz que o uso elevado da variante conservadora *nós* entre os informantes mais jovens, neste caso os de 10 a 12 anos, seria pelo fato que estes indivíduos estariam na 4^a série, fase escolar onde se iniciam os estudos dos pronomes, fazendo que os informantes desta faixa etária se familiarizem com as normas prescritas na gramática.

Possivelmente vistas todas as interpretações da autora, acredito que quando ela diz o seguinte “Com isso, notamos que, independentemente da faixa etária, os informantes usam mais a forma *a gente* do que a forma *nós*” (SILVA 2013, p. 56) estaria explicando a alta frequência da variante inovadora *a gente* na faixa etária de 15 a 21 anos, o que nos leva a interpretar que esta autora acredita na hipótese clássica.

Vanessa Aparecida Deon traz em sua dissertação uma pesquisa em tempo aparente realizada nos anos de 2014 e 2015 na comunidade de Guarapuava-PR, pesquisa esta que conta com 24 informantes divididos em duas faixas etárias, que são de 25 a 45 anos e de 50 anos em diante.

Como a maioria das pesquisas realizadas em tempo aparente, mais uma vez encontramos a mesma situação vista na maioria das pesquisas anteriores onde os mais jovens favorecem o uso da variante inovadora *a gente* e os mais velhos o uso da variante conservadora *nós*, mostrando assim que a variável extralinguística idade está diretamente ligada a este possível processo de mudança por estar inserida na fala dos mais jovens, fato este que faz com que a autora diga que podemos estar passando por um processo de mudança em curso, o que também nos deixa claro que a autora está acreditando na hipótese clássica, como podemos ver no fragmento abaixo:

Em relação à *faixa etária*, oitava variável selecionada em nossa análise, os resultados apontaram um leve favorecimento do pronome inovador *a gente* entre os falantes mais novos (0,53), e na faixa etária mais velha, na mesma proporção, um predomínio do pronome *nós* (0,53). Isso significa que a faixa etária de 25 a 45 anos apresentou um peso relativo de 0,53 para *a gente* e de 0,47 para *nós*. Já a faixa etária de 50 anos ou mais apresentou pesos de 0,53 para *nós* e 0,47 para *a gente*. Assim, apesar de o peso relativo estar apenas 3 pontos acima do ponto neutro, nosso estudo parece indicar que os informantes mais jovens de Guarapuava estão contribuindo para o processo de mudança da

forma *nós* para *a gente*, confirmando a nossa hipótese de que os falantes mais jovens usariam mais o pronome *a gente* (DEON, 2015, p.106).

Como podemos perceber, a autora defende o processo de mudança, mesmo que seus dados apontem apenas três pontos acima do ponto neutro. Com os dados que a autora nos revela em sua pesquisa, é arriscado dizer que estamos passando por um processo de mudança na língua, já que esses dados se revelam muito próximos.

Chegamos ao fim de nossas análises individuais, buscamos agora responder as três perguntas fundamentais, através dos resultados que obtivemos com as análises realizadas em cada uma das sete dissertações que encontramos ao longo de dez anos.

Todas as dissertações analisadas partem do pressuposto teórico-metodológico utilizado pela Teoria da Variação Linguística. Como já mencionado neste trabalho, temos a intenção de responder as perguntas A, B e C ao fim das análises, perguntas essas que são norteadoras de nossa pesquisa e que agora serão respondidas, através dos resultados que encontramos.

Para a pergunta A (*quais metodologias os pesquisadores estão utilizando em seus trabalhos?*) nossa resposta é tempo aparente, uma vez que seis dos sete pesquisadores utilizaram este método.

Como é mencionado acima, seis das sete dissertações que foram analisadas obtiveram os seus resultados através de pesquisas feitas em tempo aparente e conseqüentemente apenas uma em tempo real.

Para que se faça uma pesquisa em tempo real precisamos comparar dados em distintos períodos de tempo, tempo este que na maioria das vezes varia de 18 a 50 anos, não sendo exatamente uma regra. Para pesquisas em tempo real que utilizam os 18 anos como período de tempo dá-se o nome de estudo em tempo real de curta duração, enquanto a pesquisa que utiliza o período de 50 anos é denominada de estudo em tempo real de longa duração. Estes métodos por sua vez utilizam outros dois recursos para chegar a resultados mais precisos.

Estes recursos são denominados estudo de tipo tendência e painel. O primeiro é uma técnica mais controlada para acompanhar fenômenos linguísticos em uma comunidade de fala e em seus falantes através de comparações entre amostras de indivíduos diferentes desta mesma comunidade, já o estudo do tipo painel analisa amostras dos mesmos indivíduos separados por um período de tempo.

Agora, para se fazer um estudo em tempo aparente temos que partir da “hipótese clássica” dos neogramáticos, que nos afirmam que um indivíduo adquire sua língua (fala) até por volta dos 15 anos de idade e apenas sofre alterações durante a vida para que sua fala se adapte ao meio onde ele está inserido.

As duas maneiras de se analisar fenômenos linguísticos possuem seus contras. Como dito anteriormente, a pesquisa em tempo real do tipo painel necessita contatar os mesmos informantes para que se possam finalizar seus estudos, porém muitas vezes os informantes não são encontrados pelos pesquisadores e até mesmo já estão mortos por se tratar de grandes períodos de tempo. Por sua vez a pesquisa em tempo aparente não enfrenta este tipo de problema já que seus informantes são buscados muitas vezes no mesmo ano em que a pesquisa é realizada e publicada, mas por outro lado seus resultados na maioria das vezes podem revelar dados que não são condizentes com a realidade da comunidade de fala que foi estudada pelo fato dela partir da hipótese clássica e projetar um futuro da língua, que, por sua vez, é mutável e está em constante transformação.

Como já dissemos anteriormente neste trabalho, os estudos em tempo real trazem dados mais concretos sobre a fala dos indivíduos, uma vez que necessitam de grandes períodos de tempo para realização da pesquisa, o que realmente seria ideal para se conseguir dados mais precisos. Mas se esta pesquisa nos traz dados mais precisos, por que existem tão poucos estudos realizados utilizando este método? Talvez a resposta seja muito óbvia. No Brasil atualmente contamos com poucos bancos de dados que ofereçam amostras entre grandes períodos de tempo e com maiores informações. Temos no Brasil o NURC, que provavelmente deve ser o maior e mais completo banco de dados atualmente, no entanto seu estudo está voltado apenas para cinco capitais brasileiras, Recife, Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre, o que, de acordo com o site do projeto, atende um sétimo da população urbana do país, porém, mesmo que este projeto esteja em cinco grandes capitais brasileiras, os dados não serviriam para uma pesquisa, por exemplo, da região norte do país, que com toda a certeza tem suas próprias características regionais presentes na fala de seus habitantes. Porém, nos últimos anos, diversas universidades foram criadas, democratizando o acesso ao ensino superior e também levando desenvolvimento e conhecimento para diversas cidades do interior do país. Assim esses bancos de dados estão aumentando, o que fará que no futuro tenhamos muito mais dados para que sejam feitas pesquisas em tempo real,

fazendo com que obtenhamos resultados mais precisos sobre distintos fenômenos linguísticos.

Já a pergunta B (*quais os resultados encontrados para a variável extralinguística idade?*) pode ser respondida facilmente, uma vez que todos os sete pesquisadores afirmam que a variável extralinguística idade se mostrou relevante em suas pesquisas, já que em todos os testes que esta variável foi submetida ela se mostrou condicionadora na escolha do falante por uma variante ou outra.

Nossa última pergunta, a C (*quais os argumentos que os autores utilizam para defender seus resultados?*), é a que mais exigiu análises e interpretações para se chegar a uma conclusão, já que novamente a maioria dos autores partem do mesmo pressuposto, que é a hipótese clássica, que nos diz que a fala de um indivíduo adulto reflete a fala de quando ele tinha 15 anos de idade. Dos sete pesquisadores que analisamos, cinco mostraram claros indícios de que acreditam nesta hipótese. São eles: Cleuza Muniz, Carina Nascimento, Marinete Silva, Vanessa Deon e Marden Alyson de Araújo.

Em nossas análises, pudemos observar que grande parte dos pesquisadores defendem a hipótese clássica, seja de uma maneira mais sutil, como é o caso da pesquisadora Cleuza Muniz, que acredita na hipótese clássica, porém não afirma a mudança visto que seus dados revelam uma baixíssima diferença entre o uso da variante inovadora *a gente* e a variante padrão *nós* entre os mais jovens, por outro lado temos pesquisadores como Marden Alyson que defendem a hipótese clássica e afirmam que estamos passando por um processo de mudança, visto que os mais jovens estão utilizando mais a forma inovadora *a gente*.

Estes cinco autores, ao fim de suas análises, perceberam que os mais jovens utilizam com maior frequência a variante inovadora *a gente*, visto isto afirmaram a existência de indícios de um processo de mudança em curso. Ainda tivemos o autor Marden Alyson, afirma convictamente que estamos passando por um processo de mudança.

Este possível processo de mudança defendido por estes cinco autores é questionado por outros dois, uma vez que estes outros dois pesquisadores acreditam ser arriscado afirmar que estamos realmente passando por este processo, já que possuem poucos dados para tal afirmação e ainda acreditam que devam ser feitas muitas outras pesquisas

para a obtenção de dados mais concretos sobre o assunto, tendo assim resultados mais relevantes.

Os dois autores, que citamos acima, que deram indícios que não defendem a hipótese clássica são Camila Candeias e Abdon Mendes, que encontraram maneiras distintas de analisar seus resultados.

Abdon Mendes afirmou que seria precipitado falar em mudança em curso e que se precisariam mais estudos na área, já o outro buscou maneiras bem convincentes para defender os seus resultados, que foi o caso da autora Camila Candeias.

Camila Candeias usou a gradação etária para defender essa adaptação do indivíduo enquanto a comunidade permanece estável, e também citou como forma de explicação para este fenômeno a identidade linguística, em que uma comunidade rural optaria em utilizar mais a variante padrão *nós* que estaria mais ligado ao lado conservador enquanto a variante *a gente* seria utilizada mais por pessoas que se identificam mais com a zona urbana, fazendo com que elas sejam diferenciadas na fala, através da escolha de uma das variantes. Com isto pudemos perceber, ao analisar cada dissertação, que os autores já partiam de um pressuposto que a fala está passando por um processo de mudança, no que diz respeito ao uso das variantes *nós* e *a gente*, porém quando encontraram seus resultados vimos que não é exatamente isto que está acontecendo na fala dos brasileiros.

Estudos em tempo aparente partem do pressuposto que o indivíduo permanecerá da mesma maneira que se encontra, sofrendo apenas adequações ao longo da vida, e seus estudos não mostravam exatamente isto, o que nos leva a interpretar que estes autores acreditam na hipótese clássica, como pode ser observado na dissertação Marden Alyson. Suas análises mostram que a faixa etária de 15 a 25 anos tem peso relativo para o uso da variante *a gente* de 0,681, informação esta que leva o autor ao final de sua análise a afirmar o processo de mudança, o que de acordo com Camila Candeias e Abdon Mendes é arriscado afirmar, pelo fato de atualmente existirem poucos dados.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nosso trabalho teve como objetivo principal realizar um levantamento bibliográfico das diferentes dissertações, encontradas no site da CAPES, realizadas no campo da sociolinguística sobre a alternância das variantes *nós* e *a gente*, em posição de sujeito na primeira pessoa do plural no português brasileiro, nos últimos dez anos.

Como já citamos acima, nossa pesquisa teve o objetivo de realizar um levantamento bibliográfico com o intuito de estudar a alternância das variantes *nós* e *a gente*, no entanto nosso trabalho também funciona como uma ferramenta de auxílio para professores da rede básica de ensino que queiram trabalhar em sala de aula com a variação linguística, uma vez que nosso trabalho possui informações muito relevantes sobre este assunto e também um enfoque sobre a alternância das variantes *nós* e *a gente*, alternância esta que está totalmente incorporada a nossa fala e merece uma atenção muito especial.

Também criamos três perguntas, A, B e C, que são norteadoras para nossa pesquisa, com a finalidade de respondê-las ao final de nosso trabalho, através das informações que as dissertações encontradas nos traziam.

Para nossa pergunta A (*quais metodologias os pesquisadores estão utilizando em seus trabalhos?*), encontramos como resposta o método tempo aparente, que foi utilizado pela maioria de nossos pesquisadores. Para nossa pergunta B (*quais os resultados encontrados para a variável extralinguística idade?*), vimos que a variante extralinguística idade é relevante e condicionadora na hora da escolha de uma variante ou outra.

Para nossa última pergunta, a letra C (*quais os argumentos que os autores utilizam para defender seus resultados?*), vimos que as opiniões são distintas entre os pesquisadores, já que nem todos afirmaram a existência de um processo de mudança, alegando que existam poucos dados para esta afirmação, e que os estudos atuais não revelam dados que consigam afirmar a existência de um processo de mudança em curso.

Antes de chegarmos ao final deste trabalho, gostaríamos de falar sobre o limite de nossa pesquisa e também sua possibilidade de continuação. Como muito mencionamos em nosso trabalho, o período de busca para nossas teses/dissertações foi de dez anos, um tempo relativamente bom quando se está pesquisando para um Trabalho de Conclusão de Curso, porém, sabemos que este período delimita nossa pesquisa, fazendo com que nossos dados sejam específicos apenas desta década, acarretando em conclusões que não nos deixaram completamente satisfeitos, mas ao menos conseguimos fazer um raio X sobre as variantes *nós* e *a gente*, o que é de imensa valia e certamente auxiliará futuras pesquisas sobre o assunto.

Acreditamos que uma das possibilidades de continuação de nosso trabalho seja a ampliação do período de coleta de teses/dissertações, passado para quinze ou vinte anos visando encontrar outras pesquisas já realizadas e também pesquisas atuais de 2017, por exemplo, uma vez que não utilizamos nenhuma pesquisa do ano vigente pelo fato de não estarem disponíveis no sistema da CAPES. Com a ampliação do período de coleta encontraríamos mais dados, fazendo com que nossa pesquisa fique mais robusta e com resultados mais precisos.

Concluimos, então, que a variação entre *nós* e *a gente* como sujeito no português do Brasil está dividindo opiniões entre os pesquisadores, e que necessita que sejam feitos vários outros estudos, para poder analisar melhor este fenômeno e encontrar respostas mais concretas para todas as dúvidas que se criaram e se criam em torno desta variação, algo que até o presente momento não está totalmente disponível, uma vez que existem poucos bancos de dados para estes estudos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALKMIM, Tânia. ; CAMACHO, Roberto Gomes. 1. Sociolinguística In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Ana Cristina (orgs.) 8.ed. **Introdução à lingüística: domínios e fronteiras, v. 1.** São Paulo: Cortez, 2008.p. 21 – 76.

BORGES NETO, José. De que se trata a lingüística, afinal?. **Ensaio de filosofia da lingüística.** São Paulo: Parábola Editorial, 2004. p 31 – 61.

CEZARIO, Maria Maura. ; VOTRE, Sebastião. Sociolinguística.In: MARTELOTTA, Mário Eduardo, (org.) 2. Ed., 1ª reimpressão. **Manual de linguística.** São Paulo: Contexto, 2012. p. 141– 153.

CUNHA, Angélica Furtado da. ; COSTA, Marcos Antonio. ; MARTELOTTA, Mário Eduardo. Linguística. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo, (org.) 2. Ed., 1ª reimpressão. **Manual de linguística.** São Paulo: Contexto, 2012.p. 15– 29.

FIORIN, José Luiz. **Linguística? Que é isso?.**SãoPaulo : Contexto, 2013.p. 13-45

LOPES, Célia Regina. Pronomes Pessoais.In: VIEIRA, Silvia Rodrigues. ; BRANDÃO, Silvia Figueiredo. (organizadoras). – 1. ed., 2ª reimpressão. – **Ensino de gramática: descrição e uso.** São Paulo: Contexto, 2009. p. 103 – 115.

NARO, Anthony Julius. Modelos quantitativos e tratamento estatístico. In: MOLLICA, Maria Cecilia; BRAGA, Maria Luiza (orgs.) – 3ª ed., 1ª reimpressão. **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação.** São Paulo: Contexto, 2008. p.15 - 26.

NARO, Anthony Julius. O dinamismo das línguas. In: MOLLICA, Maria Cecilia; BRAGA, Maria Luiza (orgs.) – 3ª ed., 1ª reimpressão. **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação.** São Paulo: Contexto, 2008. p. 43 - 50.

OMENA, Nelize Pires de. A referência à primeira pessoa do plural: variação ou mudança?. In: PAIVA, Maria da Conceição de. ; DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia [organização]. **Mudança lingüística em tempo real.** Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2003.p.63 - 80.

PAIVA, Maria da Conceição de. ; DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia. A mudança lingüística em curso In:PAIVA, Maria da Conceição de. ; DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia [organização]. **Mudança lingüística em tempo real**. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2003.p.13 – 30.

PAIVA, Maria da Conceição de. ; DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia. Mudança lingüística: observações no tempo real. In: MOLLICA, Maria Cecilia; BRAGA, Maria Luiza (orgs.) – 3ª ed., 1ª reimpressão. **Introdução à sociolingüística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2008. p. 179 – 190.

SILVA, Giselle Machline de Oliveira e. Conclusão: visão de conjunto das variáveis sociais. In: SILVA, Giselle Machline de Oliveira e. ; SCHERRE, Marta Maria Pereira (organizadoras). **Padrões sociolingüísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: Departamento de Lingüística e Filologia, UFRJ, 1998. p.335 – 378.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa Sociolingüística**. – 8. ed. – São Paulo: Ática, 2007.

DISSERTAÇÕES CONSULTADAS:

ARAUJO, Marden Alyson Matos de. **Será que a gente usa mais o nós? Uma fotografia sociolingüística do falar popular de Fortaleza**. Dissertação (Mestrado acadêmico) - Universidade Estadual do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Fortaleza, 2016.

DEON, Vanessa Aparecida. **Variação pronominal nós/a gente em Guarapuava**. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Estadual do Centro-Oeste, Programa de Pós-Graduação em Letras, Guarapuava-PR, 2015.

FOEGER, Camila Candeias. **A primeira pessoa do plural no português falado em Santa Leopoldina/ES**. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais, Programa de Pós-Graduação *STRICTO SENSU* em Linguística, Vitória, 2014.

MUNIZ, Cleuza Andrea Garcia. **Nós e a gente: traços sociolingüísticos no assentamento**. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagens) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Centro de Ciências Humanas e Sociais Departamento de Letras, Campo Grande, 2008.

NASCIMENTO, Carina Sampaio. **Nós e A gente em Salvador: confronto entre duas décadas**. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da Bahia, Instituto de Letras, Salvador, 2013.

SANTANA, Abdon Mendes Borges. **Nós e a gente: um retrato do português popular de Salvador.** Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Ciências Humanas, Salvador, 2014.

SILVA, Marinete Rodrigues da,. **Os pronomes nós e a gente no português falado em Rio Branco – Acre.** Dissertação (Mestrado em Letras - Linguagem e Identidade) - Universidade Federal do Acre, Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa, Rio Branco, 2013.